



A cena representa uma sala, com mesa e cadeiras ao redor. É noite e a família Machado está reunida, planejando a festa do Natal, no dia seguinte. Ao lado, numa cadeira, sentada, está a velha BALBINA, a empregada da casa. É uma dessas velhas empregadas familiares que todos conhecem. Não é preciso cenário, a mesa e as cadeiras são suficientes para sugerir o ambiente.

D. ANTONIETA — Creio que assim como planejei está tudo bem. À tarde vocês vêm, jantam, ficam e assistem à distribuição dos presentes. Assim, passamos o Natal juntos.

MÁRCIO — É, minha filha, assim podemos dispensar as empregadas e passar o Natal com mamãe e papai.

ELVIRA — Não serve não, filhinho, ficamos sem ter com quem deixar as crianças.

MACHADO — Vocês podem passar com o carro aqui, às cinco horas. Levam Balbina, deixam os meninos com ela e vêm.

MÁRCIO — É, assim fica bem.

D. ANTONIETA — Mas tem o problema de Margarida, meu filho. Eu já prometi a ela que mandava Balbina para lá. Ela vai ficar com os meninos de Margarida, para ela poder vir.

ELVIRA — Então eu não venho de jeito nenhum, é melhor eu dizer logo.

MÁRCIO — Meu bem!

D. ANTONIETA — Minha filha, arranja-se outro jeito e resolve-se o problema

de seus meninos. Nós nunca passamos um Natal separados! Seus meninos...

ELVIRA — Deixe lá os meninos, não é neles que eu estou pensando!

MÁRCIO — Minha filha!

ELVIRA — Não, meu bem, eu digo, é melhor do que eu vir de qualquer jeito e estragar o Natal de sua mãe. Não é nada com os meninos não, D. Antonieta, mas se essa mulher vier para cá, eu não venho.

D. ANTONIETA — Minha filha, não diga isso, ela também é minha nora!

MACHADO — Vocês brigam por uma besteira e quem sofre somos nós, vendo nossa família desunida! Nunca tinha aparecido uma história dessa entre nós. Principalmente no Natal, que sempre foi a festa mais alegre de minha família. Lembro-me bem de que meu pai...

MÁRCIO — Papai, deixe isso para depois. O fato é que o senhor sabe como são as empregadas de hoje. As nossas já disseram que não ficam em casa de jeito nenhum. E assim, só se deixarmos os meninos em casa de minha sogra...

ELVIRA — Mamãe já disse que não pode. Ela vai a uma festa.

D. ANTONIETA — Mas, meu bem, seria a primeira vez que passaríamos o Natal separados!

ELVIRA — Com essa mulher aqui eu já disse que não venho!

MACHADO — Minha filha...

ELVIRA — Não venho, não adianta! Não venho de jeito nenhum. Só eu sei o que ouvi dela.

MACHADO — Só há um jeito, então: você e Margarida vêm em horas separadas.

MÁRCIO — Mas como, se não temos com quem deixar os meninos?

ELVIRA — Balbina podia ir para lá. Meus filhos também são seus netos.

D. ANTONIETA — Mas isso vai causar um choque com Margarida, minha filha, eu já prometi a ela mandar Balbina para lá!

ELVIRA — Então eu não venho!

D. ANTONIETA — *(Chorando.)* Ô meu Deus, que coisa triste só é ter a família brigada! Faço tanta questão de respeitar o Natal! Mas hoje em dia... Pelo menos por uma questão de religião, devia-se pensar nisso!

MÁRCIO — Mamãe, não chore. Eu acho que há uma solução. Eu também faço questão, como todos nós, de respeitar o Natal. Sei o que é ele, sou membro da Ação Católica, como a senhora é da Irmandade. A senhora sabe que faço todo esforço e imponho o espírito dele entre todos. Mas o fato é que Elvira foi maltratada por Margarida.

MACHADO — Margarida diz o mesmo dela.

ELVIRA — O senhor diz isso porque sempre tomou o partido dela contra mim.

MÁRCIO — Minha filha, vamos acabar com isso, que não vale nada. Vamos cuidar do Natal! O fato é que será muito desagradável para nós encontrar Margarida e Alfredo aqui.

D. ANTONIETA — Ele é seu irmão!

MÁRCIO — Sim, mamãe, é meu irmão, mas eu não quero encontrá-lo aqui. A mulher dele não gosta da minha e isso criou uma situação de constrangimento entre nós. Mas faço absoluta questão de respeitar o Natal como sempre fizemos, com nosso peru comido à noite, com o vinho, tudo! Pois bem, Balbina pode ir para a casa de Alfredo à tarde e ficar lá até as oito horas, mais ou menos. Depois papai vai buscá-la com o automóvel, levando Alfredo e Margarida de volta, é claro. Na volta, papai deixa Balbina lá em casa e eu venho. Assim é até bom, porque eu venho, Alfredo vem, como sempre fizemos, e não há perigo de nos encontrarmos por acaso, aqui.

D. ANTONIETA — Mas meu filho, que coisa horrível...

MACHADO — É o único jeito, Antonieta. Acho que assim está bem. É a única maneira de passarmos o Natal como sempre.

D. ANTONIETA — Está bem, se não há outro jeito...

MACHADO — Agora pergunto: Balbina indo ficar com os meninos, quem é que vai assar o peru? Você?

D. ANTONIETA — Eu não, tenho que ir fazer as compras para a árvore de Natal, que vou fazer. Vai ficar linda, copiei duma revista americana.

MACHADO — Então, quem assa o peru? Não posso admitir o Natal sem peru.

D. ANTONIETA — Faz-se o seguinte: depois que Elvira e Márcio saírem, hoje, Balbina mata logo o peru, mata e tempera. Guarda-se na geladeira e assa-se o peru amanhã.

MACHADO — Mas assa-se a que horas? De manhã não pode ser, Augusto vem almoçar e ela tem que cuidar do almoço.

D. ANTONIETA — Ela pode assar o peru à tarde, depois que lavar os pratos do almoço.

MACHADO — Não pode ser não, Antonieta, Augusto não vai sair logo, temos um negócio importante a resolver, toda a minha safra está dependendo disso. Balbina precisa ficar ali, cuidando de um café, de uma coisa, outra... Só se for lá para as cinco ou seis.

D. ANTONIETA — Aí não dá tempo não, por essa hora Alfredo deve vir chegando para buscá-la. E assar um peru exige tempo e cuidado.

MACHADO — Então está sem jeito, porque eu não abro mão do peru de jeito nenhum.

D. ANTONIETA — Não, dá-se um jeito. Ela mata o peru hoje, tempera, guarda. De manhã, antes de preparar o café, Balbina assa o peru. Ela se levanta um pouco mais cedo e pode perfeitamente fazer isso, para ela não é nada, já está tão acostumada!

MÁRCIO — Então está tudo resolvido. Balbina mata o peru hoje, acorda cedo, assa, prepara o café e o almoço de papai, dá o café que vai abrandar o coração de Seu Augusto e colocar assim a safra deste ano, vai para a casa de Alfredo, fica com os meninos dele, vai depois para a minha, fica com os meus, e assim amanhã poderemos mais uma vez passar um Natal perfeito.

Há uma pausa e então BALBINA se levanta.

BALBINA — Está tudo muito bem, está tudo resolvido. Eu mato o peru hoje e tempero. São onze horas. Daqui que Seu Márcio e D. Elvira saiam, é meia-noite. Quando eu terminar de preparar o peru, são duas horas. Aí, eu me

deito, mas às quatro, tenho que estar em pé, para assar o peru. Nisso, vou até as seis. É o tempo que Seu Machado precisa sair e eu vou fazer o café dele. Lavo os pratos, e começo a cuidar do almoço, porque Seu Augusto vem. Depois, lavo os pratos do almoço e vou fazer creme e café até as cinco horas. Aí, Seu Alfredo vem me buscar e eu fico com os meninos dele. É o tempo que eles comem e bebem aqui. Depois, Seu Machado vai me buscar e eu fico na casa de Seu Márcio com os meninos dele. Lá para a meia-noite, vão me buscar e eu chego, mas aí tenho que lavar os pratos sujos com o resto do peru, os pratos do creme de Seu Augusto e os pratos do jantar. As outras empregadas, que aprenderam a gritar, vão passar o dia como querem. Mas a burra velha, que não grita e não luta, não tem direito a nada? Vocês só dão alguma coisa a quem sabe tomar? Onde está o meu Natal?

PANO.

*Recife, novembro de 1957.*

